

A arte da ornamentação com embutidos e embrechados

The art of ornamentation with inlays and inlaid work

Luiz Antonio da Cruz¹

RESUMO

Ao longo do tempo, o Brasil recebeu material rochoso vindo de Portugal e da Itália para o emprego em obras diversas, especialmente nas intervenções de acrescentamento e renovação do gosto. Parte deste material foi trazido para a ornamentação das igrejas, com o emprego dos embutidos marmóreos coloridos, aplicados principalmente nas edificações das cidades litorâneas. Em Minas Gerais, devido à distância e o custo elevado, estes materiais foram aplicados raramente. Porém, utilizaram a pintura de embutidos marmóreos e os fingimentos para a decoração, conforme se constata nas igrejas, as mais antigas das vilas de Minas. Outra técnica aplicada foi o embrechamento, com fragmentos de louças, pedras e conchas. O presente artigo trata deste tipo de ornamentação utilizada nos séculos XVIII e XIX, principalmente em núcleos urbanos mineiros.

Palavras-chave: rochas, arquitetura, ornamentação pictórica, embutidos, embrechados.

ABSTRACT

Over the time, Brazil received rocky material coming from Portugal and Italy for employment in various works, especially in addition interventios and renewal of “taste”. Some of this material was brought to the ornamentation of churches, with the use of colored marble inlays, mainly applied to buildings in coastal cities. In Minas Gerais, due to distance and the high cost, these materials have rarely been

¹ É professor, doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela EAU-UFMG; pós-doutor em História pela Fafich-UFMG. Graduado em Letras pela INCA/UFSJ. Estudou artes na FAOP, Ouro Preto-MG e na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro. Participa dos grupos de pesquisa *Perspectiva Pictorum* da Fafich-UFMG e *Ornamenta* da UNICAMP. Publicou livros sobre patrimônio material, imaterial e meio ambiente, bem como artigos em diversos meios. Participa do “Projeto de Investigação Retábulos Fingidos Espanhóis: Geometria, Técnica e História”, coordenado pelo Prof. Dr. Miguel Angel Maure Rubio, da Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

applied. Although, they used the painting of marble inlays and pretenses for decoration, as seen in churches, the oldest of the villages in Minas. Another technique applied was the inlaid, with fragments of crockry, stones and shells. This paper deals with this type of ornamentation used in the 18th and 19th centuries, mainly in urban centers in Minas Gerais.

Keywords: rocks, architecture, pictorial ornamentation, inlay, inlaid.

INTRODUÇÃO

Apesar de toda diversidade de materiais rochosos que o Brasil possui, muita pedra foi trazida de Portugal e da Itália para a construção, complementação das edificações e em especial para a ornamentação.

Ao longo de cerca de 250 anos se comprou pedra de mármore Lioz, principalmente para as obras de acrescentamento e de renovação do gosto, com cores esbranquiçadas ou coloridas, como o amarelo, o preto e o encarnado. Boa parte destes materiais “foram transportados para o Brasil, seja como lastro dos navios portugueses, seja como atendimento a diversas encomendas por parte de particulares, ordens religiosas, etc.” (COSTA, 2009, p.72). Portadas e outras peças eram traçadas na colônia, enviadas para a execução em Portugal, quando ocorreu forte influência italianizante nas artes e o amplo emprego de materiais pétreos, inclusive com “os embutidos de mármore, surgem deste modo por quase toda a parte do território Nacional.” (COUTINHO, 2018, p.545). Valendo-se dessa técnica se ornamentou de uma simples soleira até retábulos inteiros, com significativa imponência e inclusive profundidade.

Esse gosto e uso foram trazidos para o Brasil, conforme destacado por Robert Smith (1979, p.26): “O melhor exemplo dessa tradição está sem dúvida na igreja da Conceição da Praia, em Salvador, cuja reforma se iniciou em 1735-1736 e cuja pedraria se importou diretamente da metrópole”. A grande maioria desse material teve emprego nas edificações litorâneas, ou em regiões mais próximas do litoral.

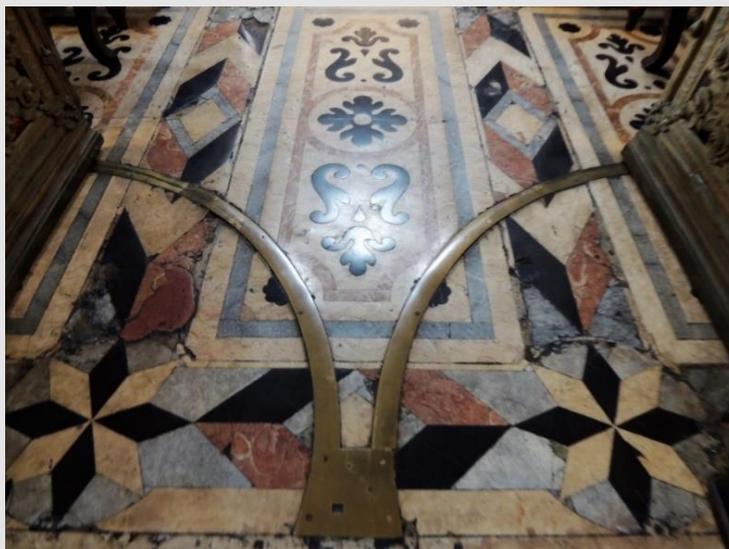


Figura 1. Piso com embutidos marmóreos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Salvador-BA. Fotografia: Luiz Cruz, 2021.



Figura 2. Lavabo entalhado, com embutidos marmóreos e detalhe. Igreja de Santa Rita de Cássia, Rio de Janeiro-RJ, século XVIII. Fotografias: Luiz Cruz, 2021.

No Rio de Janeiro, no Largo de Santa Rita, encontra-se a igreja dedicada a essa devoção (tombada pelo Iphan desde 1938, registrada nos livros *Belas Artes e Histórico*), onde se observa um lavabo em material pético, primorosamente entalhado e com o uso de embutidos; ou seja, com a inserção de fragmentos rochosos com cores diferentes para o contraste e o embelezamento da peça. Neste lavabo se destacam a águia bicéfala, em tom cinza, com o preto a delinear, um

coração flamejante ao centro, em vermelho, cercada por moldura e as pilastras com figuras antropomórficas e zoomórficas, com a predominância das cores: branca, preta, amarela e vermelha.

Ainda no Rio de Janeiro, no Largo da Carioca, no Conjunto Arquitetônico do Convento de Santo Antônio (tombado pelo Iphan desde 1938, registrado nos livros *Belas Artes e Histórico*), a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência tem piso e balaústres trabalhados artisticamente com embutidos marmóreos de significativa beleza. Esta arte, mais a primorosa talha e as pinturas da arquitetura fingida – ou quadratura, conformam uma das ornamentações mais primorosas do Brasil. A visita a essa edificação precisa ser feita com vagar, para se apreciar a profusão de detalhes.



Figura 3. Detalhe de embutidos marmóreos, capela-mor da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Largo da Carioca, Rio de Janeiro-RJ.
Fotografia: Luiz Cruz, 2021.

Enquanto no Convento de Santo Antônio, onde viveu o polímata e são-josefense Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742–1811), encontram-se lavabos com ornamentação de embrechados de louças, com a aplicação de peças inteiras e fragmentos, assim descrita pelo Frei Basílio Röwer (2008, p.270):

Curiosas são as duas pias na parede. Aí um frade executou com muita paciência grandes escudos, com receptáculos d'água no centro, e tudo isso foi feito de objetos de louça pintada: xícaras, pires, pratos, tampas, pedaços de azulejos e pequenas figuras. O remate em volta é feito de ornatos de estuque.

Em nota, o autor informou que “de acordo com uma fotografia antiga do acervo do convento, a pia quebrada era a da parede do lado direito. E faltava a parte feita de estuque. Não sabemos quando ela foi restaurada” (RÖWER, 2008, p. 332); não informou sobre data da criação e possível autoria deste trabalho.



Figura 4. Detalhes do lavabo com embrechados de peças de louças. Convento de Santo Antônio, Largo da Carioca, Rio de Janeiro-RJ. Fonte: RÖWER, 2008.

OS EMBUTIDOS MARMÓREOS FINGIDOS EM MINAS

Em Minas Gerais, a ornamentação com elementos pétreos foi contida, pela distância e a dificuldade em transportar os materiais – que além de elevar os custos, havia o risco de se quebrar ao longo do percurso. Porém, em diversas edificações mineiras, os embutidos pétreos foram aplicados, mas ao se valer da pintura; ou seja, dos “embutidos fingidos”, aplicados em arco-cruzeiros, pilastras, ilhargas,

entablamentos e frontões retabulares. Um frontão ornamentado com este recurso pictórico pode ser observado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Antônio Dias, em Ouro Preto, igreja que acabou de passar por obra, já entregue à comunidade ouropretana e se encontra lindamente restaurada. Trata-se do frontão do retábulo lateral, dedicado à Santa Bárbara. A composição se conforma por gramática do brutesco, com soluções fitomórficas, conchas, tecidos e cartela central. Segue o padrão cromático dos embutidos pétreos tradicionais, com a predominância do branco, preto, amarelo e vermelho. Na base do mesmo retábulo, nas pilastras, aparecem figuras antropomórficas, com volutas e guirlandas, com a mesma solução pictórica e os mesmos tons. Ainda em Ouro Preto, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, do distrito de Cachoeira do Campo, nas ilhargas da capela-mor, encontramos ornamentação de grande impacto, com a associação de refinada talha dourada, fingidos marmóreos e os embutidos pétreos pintados. Nesta edificação atuou o pintor português Antônio Rodrigues Bello, que “seus trabalhos foram documentados entre 1733 e a década de 1750.” (CUNHA, 2022, p. 41.)



Figura 5. Frontão do retábulo de Santa Bárbara, Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Antônio Dias, Ouro Preto-MG, século XVIII. Pintura de embutidos pétreos fingidos. Fotografia: Luiz Cruz, 2023.



Figura 6. Aspecto da ornamentação das ilhargas da capela-mor da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, Cachoeira do Campo, Ouro Preto-MG, século XVIII. Embutidos marmóreos pintados e fingidos pétreos. Fotografia: Luiz Cruz, 2023.

OS EMBRECHAMENTOS

Em Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei, Diamantina e outras cidades como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Pirenópolis foram instalados os hospícios da Terra Santa, que eram as edificações destinadas a abrigar os frades esmoleres da Ordem Franciscana da Terra Santa. “Foi o único tipo de estabelecimento conventual masculino autorizado a funcionar em Minas Gerais no período colonial.” (ÁVILA et al., 1996, p.51). Os hospícios foram estudados mais detidamente por Clarice Martins Villela, em sua tese de doutoramento, sob o título: *Hospícios da Terra Santa no Brasil*, onde se definiu mais conceitualmente essa instituição:

O hospício, portanto, podia ser construção integrante do conjunto monástico, porém com certo grau de isolamento, a fim de evitar interferência do movimento dos hóspedes na rotina conventual, ou um edifício situado em território distante, porém integrado ao conjunto de mosteiros sob o governo de religioso superior regional, e então denominado Ministro Provincial. (VILLELA, 2019, p.227).

A construção do Hospício da Terra Santa e da Capela de Nossa Senhora do Pilar, de Sabará, ocorreu entre 1740 e 1762; no hospício subsiste um chafariz, ornamentado com embrechados. Ou seja, com objetos aplicados na argamassa. Para os embrechados se utilizavam cacos de louça, conchas, pedras e em certos exemplares pratos e outros utensílios, conforme registrado sobre o de Sabará, pelo historiador Affonso Ávila, na Barroco:

Ainda que bastante estragado, merece referência o chafariz do antigo jardim dos fundos do prédio. Tem estrutura de alvenaria de pedra e é revestido em sua parede com bossagem ou massa em desenhos. Possui no centro um nicho de cantaria e no coroamento traz pequeno frontão encimado por cruz de pedra. São interessantes as incrustações de cacos de louça, pedrinhas e conchas, semelhantes às existentes no chafariz do Hospício da Terra Santa de Ouro Preto. (ÁVILA, 1976, p.50).

A técnica de embrechamento associada à bossagem – trabalho de revestimento ou ornamentação que ressaí da superfície da construção (ÁVILA et al., 1996, p.41) particularizam sobremaneira a decoração desse elemento arquitetônico, que tem proteção individual pelo IPHAN, registrada no Livro Belas Artes, v. I, em 9 de maio de 1950.



Figura 7. Chafariz do Hospício da Terra Santa, Sabará-MG.
Revista Barroco, N.8, 1976. Fotografia: Maurício Andrés.

Citado por Affonso Ávila, o Chafariz do Hospício da Terra Santa de Ouro Preto não figurou no livro *Pontes e Chafarizes de Ouro Preto*, de Feu de Carvalho, publicado em 1934, que apresenta os exemplares arquitetônicos ouropretanos descritos e com belas fotografias. O historiador Waldemar de Almeida Barbosa destacou que esse chafariz foi projetado e executado pelo Mestre Aleijadinho, construído nos fundos do monastério e com o emprego de esteatita (BARBOSA, 1984, p.41), segundo informações de Geraldo Dutra de Moraes, que assim o descreveu:

Um nicho maquineta, encimado por uma cruz latina, remata a cornija triangular do frontispício. Os muros laterais de arrimo, em pedra ensossa, erguem-se sobre os poais de itacolomito aparelhado, acompanhando, em toda a extensão, as lajes do piso, impermeabilizadas a betume e óleo de baleia. Magnífica coluna granítica, em feitiço de cálice monumental, encontra-se no centro o tanque a jorrar água nas espirais. O majestoso conjunto compõe-se de pedestal quadrangular, fuste cônico hexagonal e taça conchoidal, tudo em pedra-sabão. O chafariz interliga-se a um reservatório d'água, que se destinava a alimentar o antigo serviço de mineração.

A descrição, vazada em termos técnicos, corresponde à verificação realizada há muitas décadas. (RIBEIRO, 2012, p.6).

Moraes afirmou que o Chafariz do Hospício da Terra Santa da antiga Vila Rica foi idealizado e executado por Antônio Francisco Lisboa (1737-1814) e teria sido construído em 1758, ou seja, quando o escultor e arquiteto estava na tenra idade de 21 anos.

Além da citada publicação de Feu de Carvalho, imprescindível para a compreensão dos chafarizes ouropretanos, já temos disponibilizada uma dissertação de mestrado sob o título *Os Chafarizes de Ouro Preto: história, documentação e inventário*, de Ronaldo José da Costa, defendida na Unicamp, em 2022, trabalho da maior relevância para o conhecimento destes equipamentos urbanos que foram essenciais para o abastecimento público de água potável para as comunidades ao longo dos séculos. Cada um com suas características e materiais construtivos.

Ainda em Ouro Preto, destaca-se outro chafariz, ornamentado com embrechados. Trata-se do existente no casarão situado à Rua Alfredo Baeta, 16, no bairro Antônio Dias, atual Hotel Luxor, provavelmente do final do século XIX. Nesse imóvel viveu o padre Inácio Xavier da Silva e posteriormente Augusto Barbosa da Silva, professor da Escola de Minas (UFOP).

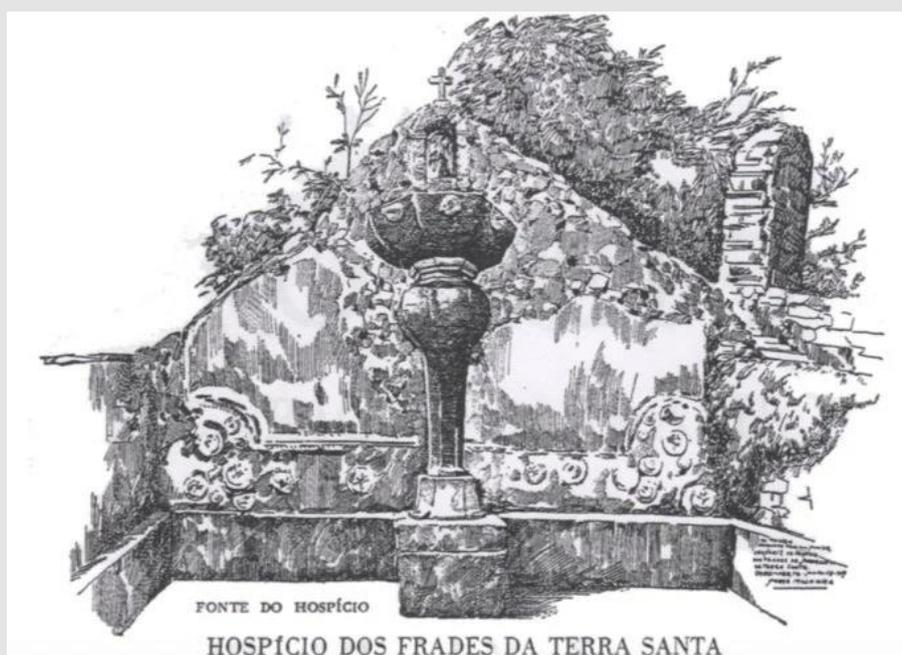


Figura 8. Chafariz do Hospício da Terra Santa de Ouro Preto. Desenho de Jorge Maltieira.
Fonte: VILLELA, 2015, p.186.

O chafariz ocupa área bastante significativa do terreno. Na fachada encontra-se um nicho e na parede ao fundo outro, ambos com estátuas:

Pouco se sabe sobre as duas estatuetas que se encontram encravadas nas pedras de um muro do quintal do hotel. Cada um dos dois nichos apresenta uma estatueta: uma é a escultura que simboliza o outono e a outra apresenta dois anjinhos, feitos de um material não identificado, mas que está um pouco desgastado pela ação do tempo. Os nichos possuem paredes recobertas por materiais como conchas marítimas e cacos de louça. (FRAZÃO, PAIVA, 2018, p.8).

No muro, além do nicho, há embrechados de conchas, maiores e pequeninas, que foram pintadas. O piso onde está o tanque do chafariz se encontra em nível mais baixo do terreno e por isso tem acesso através de três entradas, com três degraus. Sua fachada recebeu revestimento e pintura, atualmente em branco,

amarelo e azul. O nicho foi ornamentado com embrechados de conchas que formam linhas, agrupadas com as maiores e as menores. Entre as conchas aparecem cacos de louça, a propiciar interação entre os materiais aplicados.

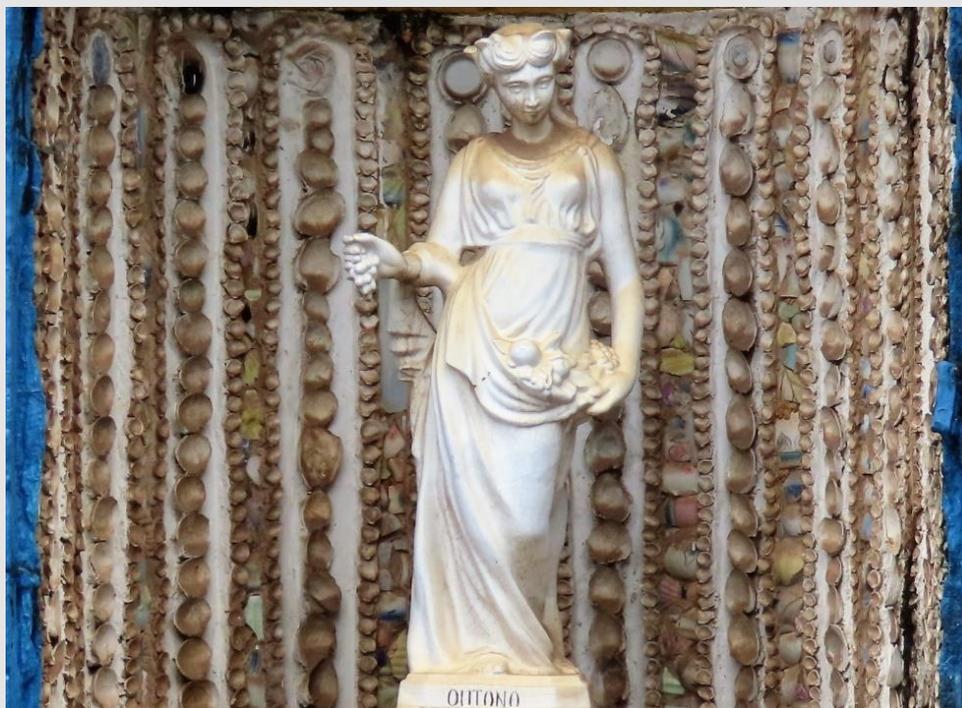


Figura 9. Detalhe do Chafariz do Hotel Luxor, bairro Antônio Dias, Ouro Preto-MG, século XIX. Fotografia: Luiz Cruz, 2023.



Figura 10. Chafariz do Hotel Luxor, bairro Antônio Dias, Ouro Preto-MG.

Fotografia: Luiz Cruz, 2023.



Figura 11. Pátio do Chafariz do Hotel Luxor, bairro Antônio Dias, Ouro Preto-MG.
Fotografia: Luiz Cruz, 2023.



Figs. 12 e 13. Detalhes do nicho do Chafariz do Hotel Luxor, Ouro Preto-MG, com a estátua e os embrechados de conchas e cacos de louça. Fotografias: Luiz Cruz, 2023.

No teto do nicho foram embrechados os cacos de louça e pratos quase inteiros. As louças devem ser de procedências diversas, mas predominam os fragmentos de louça azul-pombinho e borrrão – nos tons azuis fortes. Ao observar, percebe-se que ocorreram perdas de peças, em especial de algumas maiores. O outro nicho foi inserido no muro com as pedras aparentes. A ele se chega pela escada, atrás da parede que ostenta o nicho maior e permite acesso ao platô mais elevado do terreno. A estátua dos meninos ou *putti*, está sob pedestal e com o fundo todo ornamentado em embrechados, valendo-se também das conchas e dos cacos de louça. As conchas conformam linhas, delineamentos dos grupos de fragmentos

e um elemento central que sugere uma árvore, ou ramo. Mesmo ao constatar a presença de cores e desenhos diferentes, ocorre a predominância de cacos de louça azul-pombinho, utilizada amplamente em Minas Gerais, no período colonial.

O Chafariz do Hotel Luxor deve ser do final do século XIX. É um exemplar expressivo por sua conformação geral e principalmente pela ornamentação com os embrechados. Esse elemento arquitetônico merecia proteção, pelo menos a nível municipal e um belo projeto de restauração, para resgatar sua imponência e evitar perdas de seus fragmentos embrechados.



Figura 14. Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Capela de Santo Antônio – com embrechados de conchas e cacos de louça. Salvador-BA.
Fotografia: Luiz Cruz, 2022.

Em Salvador-BA, o IPHAN tombou a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem em 1938; posteriormente, em 1941, tombou o “Prédio do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem”, ambos registrados no Livro Belas Artes, v. I, nas páginas 24 e 53. Em 1710, Dona Lourença Maria doou à Ordem dos Franciscanos, “um terreno na Porta do Monte Serrat, para que ali fossem construídos uma igreja e um abrigo para doentes”. A igreja e o hospício tiveram a construção iniciada em 1712 e a conclusão em 1746. A igreja da Boa Viagem é a Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, instituída em 1938. Ao adentrar à edificação, logo

à direita, encontra-se a capela dedicada a Santo Antônio, que tem o seu interior ornamentado com embrechados de conchas e cacos de louça.

Ao centro da capela está a imagem do orago, sob pedestal revestido por cacos de louça e conchas, com a predominância do tom azul. As paredes receberam fundo também com cacos de louça e guirlandas estruturadas por conchas, com as pontas a terminar com flores. O arco de abertura da capela recebeu fundo, com elementos fitomórficos em bossagem (relevo), tudo revestido com os mesmos materiais.



Figura 15. Detalhe da ornamentação do arco da Capela de Santo Antônio, com embrechados de cacos de louça e conchas. Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Salvador-BA.
Fotografia: Luiz Cruz, 2022.

A ornamentação dessa capela com embrechado é expressiva. O sítio onde foi implantada a igreja, com sua arquitetura, mais a talha, azulejaria, imaginária, pinturas e os embrechados contribuem para que a edificação figure dentre as mais belas e elegantes do Brasil. Em Tiradentes, na Chácara do Pacu, na Rua Frei Veloso, 2, há um chafariz, do século XIX, que pertencera a José Enor Amorim, conhecido na cidade apenas por Dr. Enor. Em sua fachada frontal embrecharam pratos e cacos de louça. A água que chega até ele, vem do sopé da Serra de São José e as nascentes têm proteção da Mata Atlântica. Essa água abastece o chafariz

e a piscina da propriedade. Quando éramos crianças, muitos nadaram nesta piscina, geralmente escondidos das mães, porque elas diziam que a água da serra era gelada e a meninada poderia adoecer. Então, nadava-se escondido e caso chegasse em casa molhado, na certa recebíamos boas chineladas. Muitos meninos de Tiradentes aprenderam a nadar ali.



Figura 16. Fachada frontal do Chafariz da Chácara do Pacu. Fotografia: AA457, São João del-Rei, de 13/8/1960. Tiradentes-MG – Fonte. Arquivo Permanente, Pasta 1143. Tiradentes - Chafariz. Superintendência do IPHAN-MG - Centro de Doc. e Informação.



Figura 17. Chafariz de Chácara do Pacu, Tiradentes-MG, visto do alto da Serra de São José. Fotografia: Luiz Cruz, 2023.

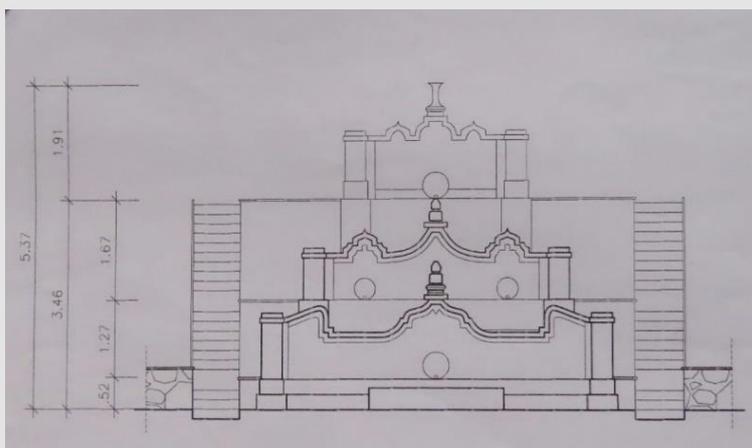


Figura 18. Fachada frontal do Chafariz da Chácara do Pacu, Rua Frei Veloso, 2, Tiradentes-MG. Autor: Gustavo Dias. Acervo: Escritório Técnico do IPHAN-Tiradentes.

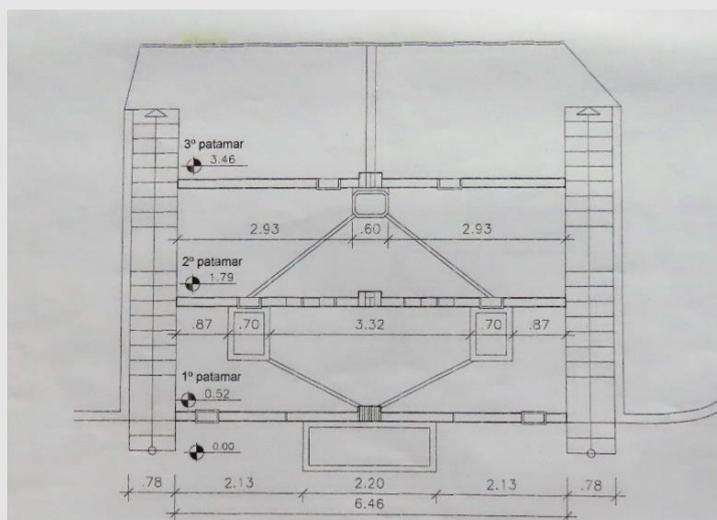


Figura 19. Planta baixa do Chafariz da Chácara do Pacu, Rua Frei Veloso, 2, Tiradentes-MG. Autor: Gustavo Dias. Acervo: Escritório Técnico do IPHAN-Tiradentes.

O Chafariz da Chácara do Pacu tem solução arquitetônica privilegiada. Sua base é em blocos areníticos aparelhados. É conformado por três patamares, ou fachadas frontais sucessivas, com pináculos centrais, remates em bossagem e relevos que terminam em volutas. Da primeira fachada, a água jorra de uma carranca, para dividir e cair de duas carrancas da segunda fachada e na terceira, de única carranca a água cai no tanque. As pilastras, pano e remate receberam pratos e cacos de louça embrechados. Duas escadas em blocos rochosos dão acesso ao ponto mais elevado do terreno. Trata-se de chafariz com certo porte e com essas

soluções, o elemento ganhou imponência e se destaca no ambiente. Na área do entorno havia calçamento poliédrico e mesas com base e tampo em material pétreo.

Como o Chafariz do Hotel Luxor, de Ouro Preto, o Chafariz da Chácara do Pacu também não recebeu atenção das autoridades devidas e não tem proteção legal individualmente.

CONCLUSÃO

Os chafarizes, as fontes, os lavabos, os repuxos, as bicas de água foram edificados em inúmeras localidades do Brasil. Exemplares construídos com os mais diversos materiais, desde os rochosos, como o majestoso Chafariz de São José, de Tiradentes – de 1749, onde se mantém preservados o elemento arquitetônico, a estrutura urbanística e sua funcionalidade hidráulica, aos edificados em alvenaria, os de ferro fundido, os revestidos de azulejaria, os que associam escultura e azulejaria, os ornamentados com embrechados e embutidos, os modernos e os antigos, os nacionais e os importados – todos são encantadores. Não há como esquecer do lavabo existente na sacristia da Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Ouro Preto, uma verdadeira obra prima da escultura em pedra sabão, com detalhes folheados a ouro e executado pelo Mestre Aleijadinho. Todos esses elementos enriquecem o acervo arquitetônico, artístico e cultural do Brasil, a eles associamos os usos diversos, as histórias, os materiais e as técnicas construtivas, a engenharia hidráulica, as lendas, aos cacos de memórias das louças que se romperam em fragmentos, ou das conchas que rolaram por praias longínquas – tudo isso se constitui uma riqueza que compõe o nosso Patrimônio Material e Imaterial.

AGRADECIMENTOS

César Reis, Luana Ferreira, Janaína Ayres, Maria Aparecida do Nascimento, Maria Clara Caldas Soares Ferreira, Maria José Boaventura, Maria Lídia Montenegro, Magno Moraes Mello, Matheus Blach, Patrícia Amorim, Raimundo Nonato Saraiva Frazão, IPHAN – Escritório Técnico de Tiradentes e Superintendência de Minas Gerais-Centro de Documentação e Informação do IPHAN.

Recebido em: 17/10/23 - Aceito em: 05/01/24

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Affonso. *Igrejas e Capela de Sabará*. Revista. Barroco, n. 8, 1976.

ÁVILA, Affonso. GONTIJO, João Marcos Machado. MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro – Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *O Aleijadinho de Vila Rica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CARVALHO, Feu de. *Pontes e Chafarizes de Villa Rica de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Edições Históricas, 1934.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

COSTA, Antônio Gilberto. *Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2009.

COSTA, Ronaldo José da. *Os Chafarizes de Ouro Preto: história, documentação e inventário*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2022. [manuscrito].

COUTINHO, Maria João Pereira. *Embutidos marmóreos do retábulo da Capela dos Lencastres do Convento de São Pedro e Alcântara em Lisboa*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2002.

CRUZ, Luiz Antonio da. BOAVENTURA, Maria José. *Glossário do Patrimônio de Tiradentes*. Tiradentes: IHGT, 2016.

Fontes e Chafarizes do Brasil. (Pesquisa e redação de Júlio Roberto Katinsky). São Bernardo do Campo, Mercedes-Benz do Brasil, 1991.

FRAZÃO, Raimundo Nonato Saraiva. PAIVA, Bárbara Oliveira. *O Casarão do Hotel Luxor – 230 anos de existência – suas histórias, suas lembranças*. Ouro Preto: UFOP, 2018. [manuscrito].

Relação de bens tombados, registrados e inventariados no Município de Ouro Preto, disponível em: http://sgm.ouropreto.mg.gov.br/arquivos/prestacao_contas/rela-o-de-bens-tombados-e-registrados-em-ouro-preto.pdf, consultado: em 11/3/2023.

Relação de bens tombados, registrados e inventariados no Município de Tiradentes, disponível em: https://www.tiradentes.mg.gov.br/Especifico_Cliente/18557579000153/Arquivos///Tiradentes_Divulgacao__1_.pdf, consultado: em 11/3/2023.

RIBEIRO, Rui. *Aleijadinho: Escolaridade e primeira obra. isto é inconfidência* – Boletim Informativo do Museu da Inconfidência. Ano XIV, n. 32, 2012.

ROSA, Tiago da Cunha. *Antônio Rodrigues Bello: as bases da pintura de falsa arquitetura na Capitania do Ouro no século XVIII*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: UFMG. 2022. [manuscrito].

RÖWER, Frei Basílio. OFM. *O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro – Sua história, memórias, tradições*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

SMITH, Robert. *Igrejas, casas e móveis – aspectos de arte colonial brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, UFPE, IPHAN, 1979.

VILLELA, Clarice Martins. *Hospícios da Terra Santa no Brasil*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. [manuscrito].